

# A vida em Pitões das Júnias

Um microcosmo imune à crise

JOSÉ CARLOS CARVALHO FOTOS  
LUÍS ALMEIDA MARTINS TEXTO

**A**lgures entre as serranias do Gerês e do Larouco, para além das cumeadas do Barroso, a mais de 1100 metros de altitude, acolá onde Trás-os-Montes acaba e a Galiza começa, dormita uma pequena terra aonde não chegou a crise.

Chama-se Pitões das Júnias e ergue-se não muito mais de dez palmos acima do chão de granito e de tojo. Perdida na paisagem, é um montículo de casas de pedra cinzenta irregularmente talhada onde se anicham duas centenas de portugueses esquecidos de Deus, do Diabo e dos Governos. Para lá do Marão, já se sabe, mandam os que lá estão.

Alheios às crises económicas e financeiras do mundo globalizado, as mulheres, os homens e as raras crianças desta freguesia do concelho de Montalegre seguem no seu microcosmo particular um modelo de vida comunitário, onde não há lugar nem para o Euro nem para o Escudo, o que os deixa quase indiferentes aos queixumes e sinais de alarme cujo eco lhes chega de longe através da televisão e da rádio.

Uma coisa não oferece dúvida: as condições de vida nesta região tal como foram descritas em 1934 por Ferreira de Castro no romance *Terra Fria* não diferem muito das atuais. E como poderiam diferir, se são ainda idênticas às de um passado remoto, talvez mesmo às do tempo em que, no séc. IX, um punhado de monges beneditinos por ali fundou um mosteiro sob a invocação de Santa Maria das Júnias? ▣

## Mundos alternativos

No dia 9 de dezembro, enquanto em Bruxelas os representantes dos 27 países da União Europeia discutiam o futuro do Euro e dos europeus em geral, a família Raposo, de Pitões das Júnias, permanecia indiferente às palavras ásperas e às receitas duras da chanceler alemã Angela Merkel. À mesa dos Raposo, a receita da ceia é sempre a mesma: enchidos caseiros acompanhados de batatas e couves cultivadas nas traseiras. O Euro tem curso em Pitões, claro, mas quase só é visível no café, para pagar a bica. «Para nós», dizem, «o Euro vale o mesmo que o Escudo; aqui, a moeda é a produção»





### Combustível barato

Ana Guilhermina, de 65 anos, apanha os cavacos de lenha de carvalho que estavam esquecidos numa casa cujo teto ruiu. É com lenha que a maioria dos habitantes cozinha. Para quê gastar gás, se a natureza tudo oferece a quem procura e tudo devolve a quem porfia?

### Sete anos de pastor...

Apascentar vacas desde manhã ao sol posto é o ofício de alguns habitantes da aldeia. Os pastos ficam longe, mas a qualidade da forragem – *Ulex minor*, crismam-na os botânicos – garante a boa qualidade da carne. A vaca vale tanto que é o grande investimento da terra, e por isso o seu consumo é reduzido



### Holocausto existencial

Cruel à luz do olhar urbano mas incapaz de fazer despertar a sensibilidade aldeã adormecida para os «direitos dos animais», o ritual da matança do porco (a facada na carótida, a exposição, a queima, o desmancho e a salga) é tão antigo como a povoação. O holocausto não é gastronómico, mas existencial: sem o porco, Pitões das Júnias morreria de fome



### Diálogo de gerações

A jovem Lurdes e a veterana Arminda encontram-se na sede da Junta de Freguesia para que a segunda transmita à primeira o segredo das tradições da terra



## Coração quente

Nestes dias de gelo em que a vida comunitária menos se manifesta visualmente, é na missa, aquecida pela crença e por um irradiador a gás, que mais gente – sobretudo mulheres idosas – se reúne em Pitões. Neste fim de tarde de sábado, as fiéis combinarão com o pároco o dia e a hora da celebração seguinte, já que, devido à penúria de vocações, o sacerdote tem a seu cargo várias freguesias, e há que dividir o bem pelas aldeias



## Festival da terra

Pitões das Júnias, está mais que visto, vive do que se pede à terra e ela dá. Nesta época do ano são sobretudo as couves que se põem em bicos de pés nas hortas e nos quintais, os «lameiros de fouchinha» (como este de Rosa Carrito, de 52 anos) onde se colhe quase tudo o que nasce destinado a acompanhar no prato os enchidos de porco



## A raiz do pão

Gracinda Martinho é a padeira de Pitões. Nasceu há 41 anos na Bretanha, filha de emigrantes em França, mas logo com 5 veio para a terra paterna, onde guardou cabras dos 11 aos 18 anos. Voltou depois a fazer-se à estrada e à aventura, viveu em Paris, mas acabou por regressar de novo à aldeia barrosã, onde trabalha seis dias por semana e jura que se sente bem. Foi aqui, no forno comunitário onde coze o pão de centeio, que se iniciou nos segredos da profissão há oito anos



## Viagem ao fim da noite

Três meses de verão, três meses de inverno e seis meses de inferno – assim definem os habitantes de Pitões das Júnias cada ciclo anual da sua vida. Durante o inverno e o inferno quase sempre é noite na terra, pois à já de si reduzida dimensão do dia de luz vem juntar-se a sombra projetada pelos picos escalavrados do Gerês. Em Pitões as pessoas habituaram-se à ideia de que o dia termina às 3 e meia da tarde, e daí que a vida tenha de começar tão cedo como a do galo

## Ontem, hoje e amanhã

Enquanto o trabalho com os animais e com a terra espera um instante lá fora, José Raposo, de 62 anos, almoça, como quase sempre, pão com chouriço e um copito de vinho. O vinho é um luxo que tem de ser comprado, pois o clima agreste das terras do Barroso não permite o desenvolvimento das cepas. No futuro, outros como ele repetirão decerto estes mesmos passos na coreografia da vida – haja ou não haja Euro, dure ou não dure aquela União Europeia cuja existência é aqui apenas conhecida através da rádio e da televisão

